

AUTOBIOGRAFIA DE UMA PINTORA BRASILEIRA

Susana Moreira**

Ao comentário de quais seriam as primeiras artistas brasileiras, os nomes de duas pintoras surgem quase invariavelmente: Tarcila do Amaral e/ou Anita Malfatti - artistas cujas obras tiveram divulgação, fazendo parte de um dos movimentos culturais mais amplos ocorridos no Brasil a partir de 1920, elas são visíveis entre nossos pintores, reconhecidas inclusive no exterior.

Entretanto, não são estas as nossas primeiras artistas. Aonde se escondem tais mulheres? Quais são as demais pintoras brasileiras que trabalhavam antes ou durante os anos de atividade das renomadas Tarcila e Anita? O que e como pintavam? Com raras exceções, as respostas são mais dúvidas ou silêncio.

Nos dicionários de arte brasileira a maioria das pintoras citadas antes do século XX não são brasileiras natas nem têm laços de consagüinidade com mãe e/ou pai brasileiros, em grande parte são européias e trouxeram na bagagem também a formação para pintura - há até as que por aqui transitaram registrando o **"very typical from Brazil."**

As referências anteriores contudo podem soar como circunscritas a uma "falsa questão", na medida em que se pensa na universalidade da arte, ou mesmo se lembradas da especificidade da formação mais sistematizada e acadêmica cujas origens ocorreram em núcleos de ensino vindos da Europa, com

** Doutoranda da Faculdade de Educação - Unicamp - Departamento de Metodologia de Ensino.
Membro do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu.

a chegada da Missão Artística Francesa (março/1816) e seus desdobramentos que repercutiram como definidores do ensino da arte entre nós por mais de um século.

Mas a relevância da questão da nacionalidade permanece quando consideramos a arte como fruto de criação excedendo os limites impostos pela formação ou pela técnica, em exercícios onde confluem malhas de inter-relações entre as quais a origem geográfica do artista é parte considerável.

Algumas das primeiras pintoras brasileiras esquecidas estão escondidas entre nossas antepassadas cujo acesso às técnicas do desenho e da pintura ocorreu através de seus familiares ou mesmo em escolas, freqüentadas por mulheres já a partir dos primórdios do século passado. Mesmo considerando-se que em tais escolas a tendência mais desenvolvida foi miniaturista, detalhista e "copista", algumas mulheres chegaram, dentro destas técnicas limitadas ou conseguindo superá-las, a trabalhos artísticos criativos. O fato destas obras terem ficado restritas a espaços privados e não serem divulgadas, é uma outra questão.

Haveria muitas indagações a enunciar a propósito do assunto, mas deixo esta introdução alinhavada uma vez que me cabe agora situar a autobiografia anunciada no título desta seção DOCUMENTO, pois foi na busca empreendida para a localização de algumas destas artistas esquecidas que recebi do professor Jorge Coli uma valiosa contribuição - emprestou-me a autobiografia publicada da pintora brasileira Helena Pereira da Silva Ohashi.

Este livro de Helena Ohashi foi publicado em 1969, pouco depois de sua morte. A edição confeccionada na Gráfica Saraiva, tem número reduzido de exemplares e sua circulação restringiu-se mais a familiares, amigos e admiradores do trabalho pictórico da autora, portanto é considerada rara.

O fato do livro ser a única autobiografia publicada de uma pintora brasileira intensifica a importância da sua divulgação e crescimento ainda que o mesmo, intitulado *Minha Vida/Brasil - Paris - Japão*, é relevante enquanto obra literária.

A história de vida de Helena traz dados biográficos coincidentes com a maioria das pintoras brasileiras nascidas no final do século XIX ou no início deste: é filha do pintor Oscar Pereira da Silva e casou-se com o pintor Riokai Ohashi - a história de muitas pintoras traz quase invariavelmente uma destas ligações de "parentesco" conjugadas ao ofício da pintura; Helena Ohashi congrega as duas ligações e ambas definem parte considerável do seu fazer artístico, mas estas e outras especificidades da sua trajetória estão no livro que é excelente fonte de pesquisa para os estudiosos da arte em geral e das relações de gênero, em particular.

Minha Vida é dividido em duas partes, *Minha infância*, a primeira, ocupa cerca de um terço do livro - começa com a descrição de Helena sendo conduzida por seu pai, aos cinco anos, num passeio pelas vizinhanças de sua casa em São Paulo, e vai até a viagem da França ao Japão em 1933, então recém-casada e é com tal travessia que ela inicia *Recordações*, a segunda parte, onde relata passagens de sua vida no Japão desde o início da 2ª Guerra, seguindo com outra viagem longa à Europa, termina descrevendo os seus últimos anos vividos em Campinas.

Em *Minha Infância* os relatos são mais intimistas, com pouca alternância no tempo narrativo e o uso de alterações constantes nas formas de tratamento dadas aos pais da autora e nos autoreferentes - o "eu" de Helena varia de níveis: do ôntico ao ontológico. Já em *Recordações* há maior alternância do tempo narrativo, não obedecendo à cronologia rígida a exposição acontece na conjunção dos tempos mudano e fenomenológico - em várias passagens, sobretudo nas descrições das viagens, a

autora aparenta usar um diário como fonte, mas não chega a declará-lo.

As referências acima, abordando aspectos formais da autobiografia, vizam introduzir algumas reflexões sobre questões referentes ao conteúdo dos relatos. O texto de Helena ao avançar no tempo vivido, que para ela era o mais próximo, adquire posicionamento crítico em relação às pessoas, aos fatos e à sociedade onde vivia.

As pessoas citadas no decorrer do texto são: o pai e a partir de 1928 o pintor japonês Riokai Ohashi, colega da autora num dos cursos de pintura em Paris e com quem se casa cinco anos depois - estes dois homens foram as principais fontes de influência absorvidas por Helena, inclusive no seu trabalho como pintora e este trabalho, o motor de sua vida.

Ainda menina Helena começa a desenhar incentivada pelo pai e dele ganha as primeiras tintas. Oscar Pereira da Silva, pintor reconhecido entre os que estudaram na Academia Imperial de Belas Artes/RJ, complementando seu aprendizado na França durante as viagens-prêmio recebidas. Oscar tinha facilidade invulgar para o desenho, participou de inúmeras exposições e teve número considerável de obras encomendadas e colocadas em espaços públicos. Foi professor de desenho e pintura por muitos anos.

A convivência com o pai tornou-se esporádica já a partir de março de 1911 quando Helena consegue sua primeira bolsa de estudos em Paris, ainda adolescente. As influências recebidas vão se diversificando, entretanto segue enviando seus desenhos para apreciação do pai por muitos anos e só bem mais tarde coloca-se criticamente em relação ao trabalho pictórico e alguns aspectos da vida privada do mesmo, inclusive ao relacionamento entre ambos.

Segundo as descrições da autora é a partir da ligação com Riokai que seus horizontes vão se ampliando proporcionando-lhe

fases de transição, com modificação nas preferências e no entendimento sobre arte, assim como na forma de pintar.

Enquanto estudante da **Academie Julian**, da **Academie Colarossi** ou do curso de Herbert, a pintora exercitou-se com cópias de clássicos entre os quais cita: Murilo, Rembrandt, Ingres e Fragonard. Só a partir de 1920, na **Academie de la Grand-Chaumière** é que Helena teve contato com técnicas pictóricas menos restritivas, conforme o citado no seguinte fragmento de parágrafo: "*...fiquei no curso livre, estudava com afinco e gosto, desenho a **fusain**, pintura a óleo, já estava saindo das estritas regras...*", mas ainda persiste pintando à "maneira acadêmica" por algum tempo.

Durante os anos seguintes a autora foi aceita e conseguiu boas classificações no "**Salon des Femmes Peintres et Sculpteurs**", mas a vida na França estava difícil: "*... era eu quem chefiava a casa e lutava com dificuldades econômicas, nosso luxo era ir ao teatro clássico no Odeon.*"

Os anos de estudos na França foram entremeados com estadias no Brasil, onde realizou exposições e embora geralmente conseguisse boas críticas e repercussão positiva sobretudo nos meios artísticos paulistas, não vendeu muitas obras. Helena prosseguiu vinculada ao Brasil, mesmo depois de mudar para o Japão, voltando a pintar e expor aqui, o que só se altera durante a 2ª Guerra Mundial. Mas é no seu próprio país que enfrenta as discriminações mais significativas por ser mulher, artista e viúva, por exemplo. Isto a partir de 1949, época em que morou em algumas cidades do interior de São Paulo.

Termino a descrição de parte do livro *Minha Vida* dando espaço a trechos deste, pois a autora relata com maestria passagens da sua existência batalhadora e incomum, em vários níveis: no estudo e dedicação à pintura, na divulgação da sua arte e principalmente do trabalho do pintor de reconhecidas

qualidades que foi seu marido, na luta pela sobrevivência durante a guerra e mesmo ao defrontar-se com problemas de saúde.

Helena Pereira da Silva Ohashi é uma pintora brasileira cujas obras, pictóricas e autobiográfica, merecem divulgação. Seguem-se amostras do seu texto, visando facilitar a apreciação e o reconhecimento da trajetória da autora.

"Riokai tinha sempre o bom caráter que eu havia conhecido em Paris, gostava de aliar sua arte à minha, conversar como dois colegas que se compreendiam... Aconselhava-me a ser mais livre, na maneira de me exprimir mas era difícil de me desfazer do classicismo em que fui instruída. Conseguindo me expandir numa fatura mais larga e mais vibrante, flôres e paisagens já saíam de minha espátula com mais liberdade. Riokai adorava a música e o dia em que eu não estudava piano me ralhava. Uma noite tivemos a visita do professor Okada e de alguns nomes conhecidos na música, que vieram ouvir-me - toquei Chopin e Albeniz. Riokai ficava feliz quando eu tocava e me mostrava." (p.25)

"Riokai gostava do movimento moderno em arte mas equilibrado e eu, que era adepta da arte clássica de meu pai e continuando em Paris a pintura cheia de regras e restrições, ia deixando para trás o que eu já tinha feito; procurando me expandir numa visão mais livre para dar curso à minha personalidade, fiz estudos mais vibrantes, mais simples, flôres, paisagens, a espátula procurando fugir do banal do "mil vêzes feito"; via

quanto era difícil essa arte que se sente e que some quando se quer fixá-la... Riokai era meu conselheiro e eu tinha fé no seu parecer sincero, sempre me dizia para fazer como êle pura arte e não produzir pintura para leigos; gostávamos de apreciar nossos trabalhos depois de feitos.

A vida que levávamos era bem ativa, tínhamos convites para as festas e casamentos, nas casas dêsses riquíssimos amigos; consideravam-nos como artistas e professôres de seus filhos. Muitas vêzes pensei, "que diferença o trato que se dá aqui ao do Brasil"- lá quem ensina é uma espécie de criado, escravo da necessidade, pode-se ser malcriado e não pagar os atrasados; a princípio ficava constrangida de tantos presentes finos que recebia. "Não fique aborrecida", dizia-me Riokai, "aqui faz parte da tradição se considerar o professor, que não é obrigado a retribuir os presentes, igual aos bonzos que pagam com rezas..." Tínhamos arranjado o primeiro andar de nossos sobradinho em atelier; dos dois lados eram janelões de correr como são todas as janelas no Japão; também tôdas as peças têm armários embutidos, mesmo nas casas pobres; ali colocam-se colchões e cobertores que são tirados tôdas as noites, e arrumados, sôbre "tatamis" e no dia seguinte, repõe-se no "ochiire" (armário embutido), ficando a peça livre e espaçosa, sem armário nem mobílias. Da nossa sacadinha via-se as belas árvores de nosso jardim; quando Riokai não saía para trabalhar fora, pintava no atelier." (p.27)

"Africa. Mabassan, colônia inglesa, me pareceu bem pobre; depois foi Zanzibar. Indus, árabes e pretos. Pela estrada que levava ao centro, de um lado e de outro copiosas mangueiras, bananeiras, abacateiros, tôda a vegetação tropical. O de que gostei foi no quarteirão árabe, as casas tôdas caiadas de branco com suas portas de madeira escura, sem pintura, tôdas trabalhadas como rendas, as sacadinhas nas janelas, também de madeira, muito artístico, suas ruas ermas devido ao comércio estar dentro, de portas fechadas. Luxo e confôrto era o bairro habitado pelos britânicos. Beira, colônia portuguesa conservando seus velhos hábitos, cidade feia e relaxada. Os portugueses são os donos, os pretos mantidos na ignorância e servidão. Durban, uma Inglaterra com outro clima, seus bondes elétricos de dois andares como em Londres. Como era a primeira viagem do Hokoku-Maru, em cada pôrto davam recepções, grande mesa de doces, iguarias japonesas. Os principais da cidade eram convidados; divertiam-se ver subir pela escada os altos funcionários com sua fardas, as burguesas com suas filhas, aproveitando essa ocasião única de se mostrarem. Achei Durban uma grande cidade, limpa, de comércio importante, com enormes vitrinas mostrando um casamento inteiro, a noiva e convidados. Os ingleses têm um fraco por essa cerimônia. Em grupos fomos fazer uma excursão nas montanhas, muito longe, onde havia ainda tribos de índios mansos vivendo em choças redondas de uma porta só. Depois de certa hesitação o chefe apresentou suas espôsas, um bando de mulheres de aspecto miserável, cabelos

tingidos de vermelho e meticulosamente trançado com continhas de côr, penteados complicados - explicaram-nos que os cabelos assim arrumados duravam muitos anos. Muita criança barriguda e doentia. Viviam ali da caça e de alguns produtos que íam vender na cidade. Os chefes estavam ávidos e discutiam com o intérprete, quantos presentes tinham trazido. Port Elisabeth, só me lembro de seu longo e interminável cais, que nos levou à cidade, tôda inglêsa, belas e grandes vitrinas só com mercadorias da metrópole, um belo jardim botânico, com seus gramados bem tratados, copa das árvores, que davam macias sombras. Vi pela primeira vez curiosas flôres parecendo cabeças de pássaros saindo de tufos de fôlhas escuras - soube que se chamam aves do paraíso." (p.33)

"Meus quadros também tiveram muito êxito: as telas que tinha exposto em Paris e as cerejeiras do Japão; o sr. Osvaldo Texeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, adquiriu em nome do govêrno para a galeria do museu, um trabalho de Riokai "Velho pôrto de Akashi" e um trabalho meu, "Pivoines". Estávamos nos orientando para vir a São Paulo, onde grandes dificuldades nos esperavam. Não havia sala para expor. Alugamos por excessivo preço uma imensa sala do prédio Ita, na rua Barão de Itapetininga. Riokai teve que arrumar, mandar fazer repartições com cavaletes, forrar de lona as paredes, por luz elétrica com grandes lâmpadas pois êsse local estava sujo e escuro - tivemos grandes despesas. Eu conhecia

muitos pintores e amigos de antes mas nenhum veio ao nosso encontro. Fiz uma conferência sôbre minha estada no Japão e toquei algumas músicas de Kobune, compositor moderno do Japão na melhor rádio de São Paulo, a Rádio Cruzeiro do Sul. A conselho de amigos oferecemos no dia da inauguração um coquetel com a presença do cõsul-geral do Japão sr. Narusse e dos funcionários do consulado; ficou repleto de visitantes. Artistas, jornalistas, pintores vieram para comer doces, as senhoras para mostrar os vestidos e saírem fotografadas nas revistas, podendo também se expandir, criticando os trabalhos.

Terminada a exposição em fins de 1940, fomos passar o primeiro de janeiro e mais dias em Registro, colônia japonesa para a cultura do arbusto do chá. Ali Riokai iniciou uma série de estudos, pintados a óleo sobre papelão, permitindo êsse achado, fazer com mais rapidez o belo colorido do Brasil. Eu o acompanhava sempre e passava o tempo pintando. Voltando a São Paulo êle foi com alguns amigos fazer uma viagem pelo Nordeste, expondo em várias cidades do interior onde a colônia japonêsa o acolheu com carinho. Eu fiquei em São Paulo: estava cansada e precisava me tratar. Ficamos em São Paulo até meados de abril, indo às vezes a Santos, que Riokai gostava de pintar e à noite ir ao Cassino ver sumir mágicamente sôbre o pano verde somas fabulosas.

O tempo que ficamos em São Paulo foi empregado em pintar fora, ruas, parques, enfrentando os transeuntes embasbacados; muitas

vêzes nos rodeavam tapando nossa vista mas o que mais gostávamos era pintar lá de cima da janela dos arranha-céus - com vistas amplas e magníficas e onde ficávamos livres de curiosidade alheia." (p.34)

"A guerra persistia cada vez mais feroz. Passados alguns dias fomos levar as cinzas de Riokai à Hikone, no templo em que êle conhecia o Bonzo. No Japão existe um costume que sempre achei horrível: depois da incineração repartem as cinzas do morto entre os membros da família que a depositam dentro de um saquinho no oratório da casa e o restante atiram num templo comum em Kyoto. Empenhei-me para que o guardassem inteiro em Hikone as cinzas de Riokai, pois sempre tive horror a essas coisas fúnebres e para tratar disso imenso foi meu sacrifício.

Para ir a Hikone nesses malditos tempos era uma dificuldade, tomava-se o trem até Kyoto, lá baldeava-se para um outro comboio até atingir Hikone. Os trens iam apinhados, bombardeavam as linhas e levavam muito tempo para consertá-las. Hikone era uma pequena cidade da província e eu, estrangeira era logo notada, apesar de estar acompanhada pelo meu cunhado e Kyoko San, ficavam pasmados ao me verem.

Fomos várias vezes para as cerimônias do templo. Para a volta era duvidoso conseguir lugar no trem que tinha superlotado de longe e parava muito pouco. Certa vez viajei no lugar em que os vagões se unem, de pé e sacudida pelo correr das rodas, chegando em Kyoto desfalecida.

A minha distração em casa era a de colhêr nas montanhas as flôres de pinho que o vento fazia cair e que se encontravam perto das cêrcas. Serviam para fazer fogo na cozinha, pois não havia gás, nem eletricidade, nem lenha, nem carvão e nem mesmo fósforos, tendo-se que empregar o sistema milenar de atrito entre duas pedras para se conseguir uma faísca." (p.39)

"Em Itapira também tinham progredido. Fiz uma exposição dos trabalhos das alunas no Clube XV de Novembro, a primeira mostra de arte nessa cidade. Fiz também em Mogi-Mirim na Biblioteca Pedro Janusi, inaugurando com a presença do professor, diretor da Pinacoteca, Tulio Mugnaini, e do professor Alduino Estrada, diretor do Ministério da Educação.

A última exposição que fiz em Mogi foi em 1952. Com as alunas de Itapira, juntas nesse mesmo local.

Em Mogi-Mirim tive o prazer de não ter vendido nenhuma tela minha.

Vendi, a muito custo, dois quadros em Itapira, sendo que um, rifado e, outro, por três contos, para um fazendeiro milionário." (p.52)

"Ambiente ingrato. Nada havia de atraente os arredores de Mogi: só mato, barba de bode, casa de cupim, terra vermelha e imensos cafezais. Como chove pouco no interior, as folhas ficam empoeiradas e de verde sujo, sem nenhuma flor. Não sei como consegui fazer grandes telas com flôres, em Mogi-Mirim!

Às vezes, eu ia visitar uma senhora muito idosa, que morava sòzinha num imenso casarão perto do centro. Batia por longo tempo no seu portão e ela aparecia à janela com sua peruca mal ajustada. Dava-me uma enorme chave, que pesava bem um quilo, para que eu abrisse a porta da casa. Dela, tôda contente e curvada pelos anos, só restava dois olhos azuis, vivos e inteligentes. Tinha sido uma poetisa renomada, em idos tempos.

Dona Ebrantina Cardona, com vários livros publicados, mulher de vanguarda na sua mocidade, havia estudado medicina e depois se dedicado às letras. Coitada! ainda teve um gesto heróico: vendeu seu piano para mandar publicar seu último livro de poesia.

Estava ali, abandonada, a meu vêr, a única pessoa de valor da cidade." (p.52)

"Tenho crise de desânimo. Porém consigo vencê-las. Pinto, desenho, trabalho completamente isolada, repasso meu repertório, decóro os clavecinistas franceses (Daquin, Comperin, Rameau) gosto de Albeniz. Adoro os bons livros e leio muito, o que me faz suportar, meu retiro. Esforço-me para expressar o que sinto.

Não tenho amigos. As mulheres que conheço são muito femininas. Como mães de família, ocupam-se da casa, do marido e dos filhos. E da moda, dos penteados, do trato das unhas e da beleza. Nada de cultura do espírito. O sistema patriarcal perdura e não está prestes a se acabar.

Mando para o Salão de Campinas algumas telas, outra vez recusadas. Até parece anedota,

custo a crer! não há dúvida, sofro perseguição dêesses cabotinos, porque sou mulher. E também porque sou filha de um grande pintor. E apesar de não ter vivido à sombra de um grande nome..." (p.53)

"Não dão o mínimo valor à mulher pintora ou intelectual. Os homens fogem. Às vezes, há um ou outro, muito raro, um pouco melhor que as mulheres. Mas não se pode travar conhecimento com êles, porque pensam logo ser de natureza diversa. As mulheres não gostam e se afastam de uma mulher evoluída. É inveja no seu subconsciente atrasado.

Convido-os a virem ao meu atelier. Os homens e suas espôsas sabem que passei longos anos no Japão. Tenho de lá muitas cousas, reproduções, fotografias, belos quimonos, objetos preciosos, mas nem a título de curiosidade querem vir. Nada os interessa a respeito de arte, tão pouco os livros. As mulheres e mesmo os homens, não querem cansar a cabeça. Para quê? Os jornais e revistas informam. Vi pessoas alinhadas lerem o Guri e o Gibi. São maliciosos e só pensam em intrigas sexuais. não se pode conversar muito tempo com um homem ou, se é o meu caso, receber um colega, porque já colocam as cousas do lado animal.

E assim, vivo comprimida entre dois lados, completamente só. À noite, vou ao cinema, às vêzes; é a única diversão agradável quando há uma boa fita. Nem teatro - só as vêzes, mas sem valor.

Festivais de rádio são pouco interessantes para uma pessoa culta.

Minha grande preocupação é a pintura - penso constantemente, sonho em fazer grandes telas, paisagens, composições, retratos. Na Odisséia de Homero acho meus assuntos prediletos: Ulisses na ilha da ninfa Calipso, Nausika, filha de rei. Gostaria de tentar cousas audaciosas mas num harmonioso equilíbrio, como fazê-las?" (p.58)

"A 4 de setembro de 1963, a entrada do Centro de Ciências estava repleta de convidados e amadores, que esperavam a hora solene de cortar a fita simbólica. Tive bons artigos, saindo do escuro em que estava há anos. Economicamente, me disseram que, eu tinha batido o recorde. Minhas rosas e gatos foram os mais apreciados, não havendo ainda público para gostar de mitologia.

Foi para mim uma bela noitada a inauguração de minha exposição. Minha família veio toda de São Paulo. Minha irmã, meu cunhado, Isabel, minha sobrinha. Durante os dias em que a exposição ficou aberta para o público, tive o ensejo de conhecer vários rapazes interessantes, inteligentes, gostando de arte, mas principalmente de livros. Muitos com idéias revoltadas, contra o atraso mental dêsses que se têm na conta de gente da elite. Fiquei surpresa ao encontrar essa juventude, com muito das minhas idéias e convicções (Com a inflação e a alta de custo-de-vida ninguém pensa em comprar quadros)." (p.60)